Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data ..../..../....
cod. GMD000089

Prezado Senhor

Venho informar que por volta de 1993 a FUNAI assentou em Paraty-Mirim distrito de Paraty, vinte índios.

Com o decorrer dos anos o assentamento continuou e hoje, a população indígena totalizou aproximadamente cento e cinquenta indivíduos.

Acontece que, referido lugar, recoberto por mata ciliar, abrigo de animais em extinção como o tamanduá bandeira, é área de preservação ambiental, aba do Parque Nacional da Serra da Bocaina.

O assentamento, efetuado de forma aleatória sem qualquer planejamento, causou com o corte de arvores seculares e supressão da vegetação nativa danos irreversíveis à natureza.

O solo, após a derrubada, que teve o respaldo da FUNAI, foi deixado ocioso exibindo nos dias atuais, somente capim.

Com a ausência de plantações, os índios se mantém por intermédio de atividades extrativistas e da caça, invadindo áreas fora do assentamento, gerando potencial risco de conflito, com os moradores da localidade.

Cumpre consignar, que este relato foi material da revista Veja-Rio editada em 11 de novembro de 1998. Na presente data, a situação esta se agravando pois com o advento das comemorações do descobrimento, a FUNAI deseja desapropriar todo o Parque, para efetuar novos assentamentos.

Anexo dezoito fotografias do local e cópia da matéria da revista.

Atenciosamente

Lucio Vieira Junior

São Paulo, 28 de Março de 2000

Acervo ISA

1- Fotografia mostrando a vegetação da região, abrigo de animais em extinção como o tamanduá bandeira.

Acervo ISA

2- Complementando a de nº 1 mostrando a exuberante vegetação local. A região é propícia ao eco-turismo.

Acervo ISA

3- Fotografia mostrando o rio ~~denominado~~ que possui varias cachoeiras que corta a região. ~~Referido rio~~

Acervo ISA

4- Complementando a de nº 3

Acervo ISA

5- Complementando a de nº 4

Acervo ISA

6- Complementando a de nº 5

Acervo ISA

7- Complementando a de nº 6. Em primeiro plano, o marco divisório colocado pela FUNAI as margens do rio, junto a uma cachoeira em total desrespeito à harmonia da natureza.

Acervo ISA

8- Fotografia mostrando o acesso a um assentamento indígena, posicionado à montante de uma colina. Notar conforme assinalado, lixo e entulho, espalhado pelo lugar.

Acervo ISA

9- Complementando a de nº 8. Existe na localidade, três assentamentos. Um a montante da colina, outro na região intermediária, e o outro a jusante da colina.

Acervo ISA

10-Complementando a de nº 9, mostrando em primeiro plano, solo que sofreu erosão com o desmatamento, o lixo e entulho.

Acervo ISA

11- Complementando a de nº 10. O lugar do assentamento, sofreu total desmatamento

Acervo ISA

12- Complementando a de nº 11.

Acervo ISA

13- Fotografia mostrando o assentamento indígena, posicionado na região intermediária da colina. Motivo da capa da reportagem da revista Veja - Rio, de 11 de Novembro de 1998.

Notar em primeiro plano, terra ociosa onde existe capim onde foram cortadas árvores seculares.

Em segundo plano, conforme assinalado, na margem oposta do rio, terras preservadas por posseiros.

Acervo ISA

14- Complementando a de nº 13

Acervo ISA

15- Complementando a de nº 14, mostrado na região oposta do rio terras preservadas por posseiros.

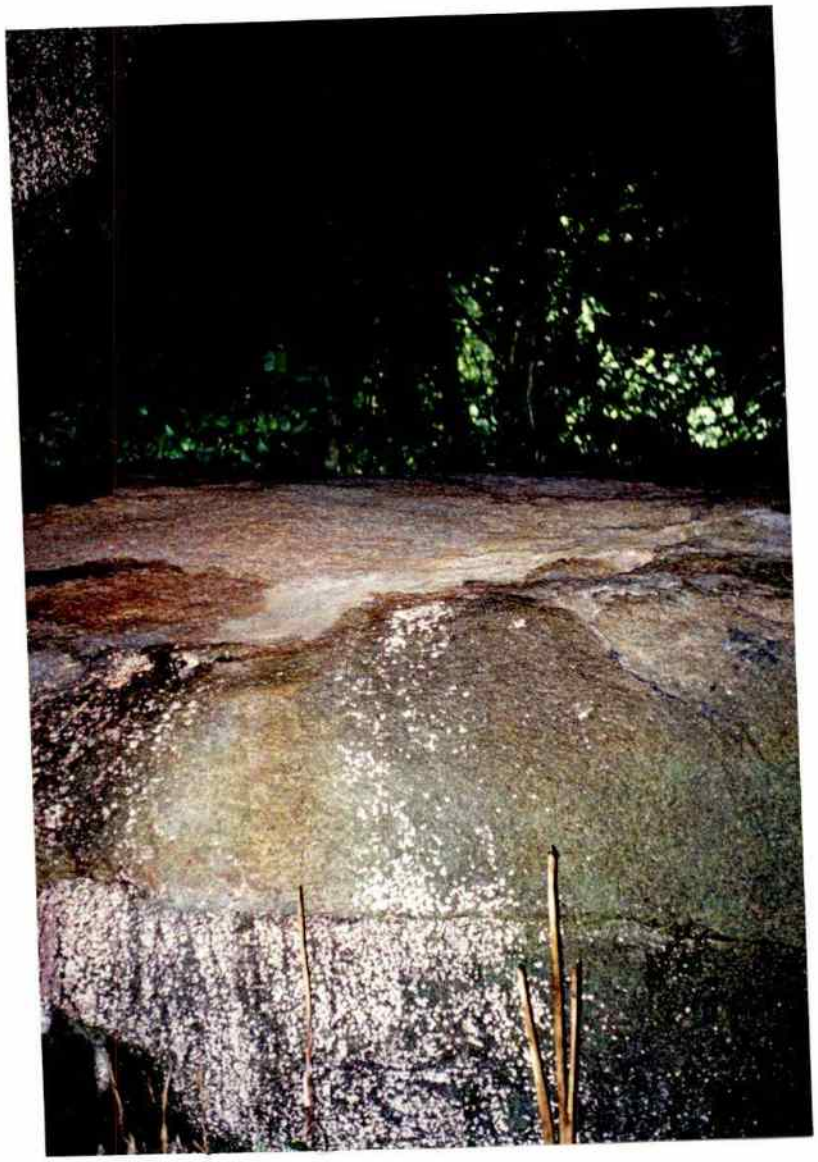
Acervo ISA

16-Vista geral da terras indígenas posicionadas à jusante da colina. Notar a clareira formada pela devastação da vegetação nativa e ausência de plantações com predominância de capim.

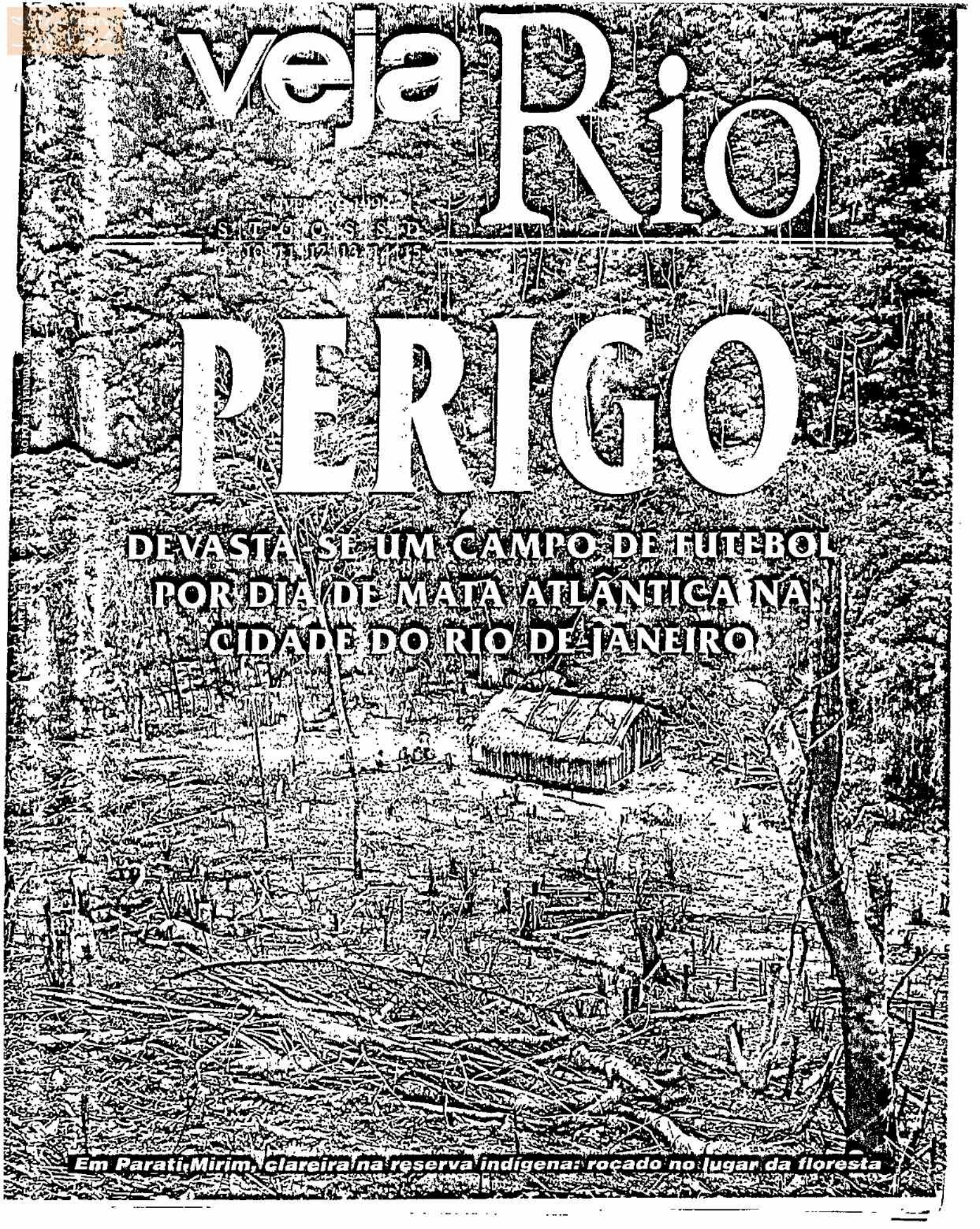
Acervo ISA

17- Complementando a de nº 16.

Acervo ISA



18-Fotografia mostrando pedras ao lado do rio. Em primeiro plano, estruturas metálicas engastadas na rocha. As estruturas, faziam parte do alicerce de uma ponte, que foi construída em terra indígena, por uma multinacional, com a finalidade específica de utiliza-la nos filmagens do Café Colombia.



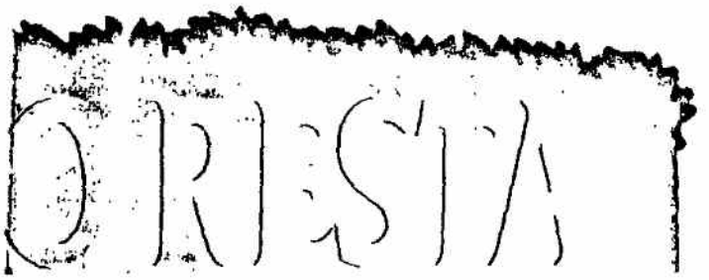
veja Rio

PERIGO

DEVASTA-SE UM CAMPO DE FUTEBOL POR DIA DE MATA ATLÂNTICA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Em Parati-Mirim, clareira na reserva indígena: roçado no lugar da floresta

Acervo ISA



SOB A AÇÃO DO FOGO E DA MOTOSSERRA, UMA BÉLGICA SUMIU DAS MATAS DO RIO

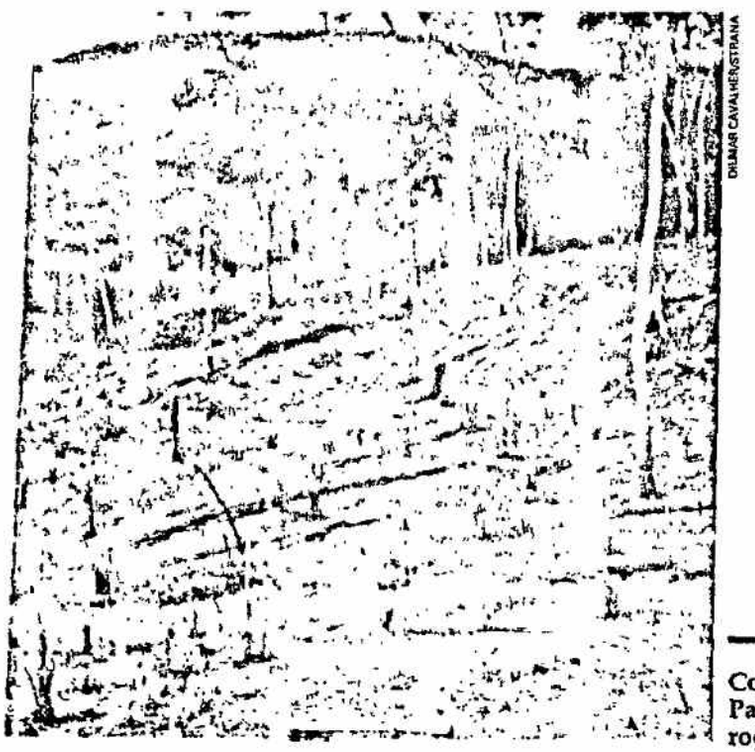
MARCELO CARNEIRO

O Estado fechará o século com 21% de cobertura vegetal, e o número continua caindo

"Nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado, da ignorância e do egoísmo. Nosso belo Brasil, em menos de dois séculos, ficará reduzido aos páramos e desertos da Líbia." Quando José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, subiu à tribuna da Assembléia Constituinte de 1823, cerca de 80% do território brasileiro era coberto pela vegetação densa e exuberante da Mata Atlântica, manto florestal poupado pelas eras glaciais. No Rio, esse número era ainda maior, chegava a 90%. José Bonifácio jamais foi lembrado como ecologista pioneiro, mesmo sendo dele a primeira lei obrigando o reflorestamento de áreas desmatadas, e isso talvez explique por que hoje, 175 anos após seu discurso de abertura na Assembléia, as matas do Rio cobrem apenas 21% de todo o Estado. Segundo dados da S.O.S. Mata Atlântica, ONG que há uma década monitora o tamanho da devastação em dezessete Estados, o Rio perdeu exatos 3 365 142 hectares de floresta desde o descobrimento.

Nessa imensidão devastada cabe uma Bélgica. Só de 1990 a 1995, uma área do tamanho da cidade de São Paulo — cerca de 13% do que ainda restava de verde no Estado — deixou de ser mata para virar terra arrasada pela ação das queimadas ou da serra elétrica. Na próxima sexta-feira (13), a ONG apresentará, em audiência pública na Assembléia Legislativa do Rio, os primeiros dados de um novo levantamento, feito no período de 1995 a 1997. As notícias são ainda piores: só na capital, a Mata Atlântica encolheu em mais 577 hectares. Nesse período, perdeu-se um campo de futebol a cada dia, especialmente na Floresta da Tijuca e no maciço da Pedra Branca, na Barra e em Jacarepaguá. No Parque Nacional da Tijuca, maior espaço verde em área urbana do mundo, 46 favelas brotaram nas bordas da mata.

Com seus 21% de área coberta por floresta, o Rio ainda é dono da maior porcentagem de Mata Atlântica em todo o país — São Paulo não chega a 8% e Minas Gerais tem ralos 2% —, mas isso não fez o Estado livrar-se do título de campeão da devastação, prêmio outorgado pelos números da S.O.S. Mata Atlântica: "A situação do Rio é grave", alerta Márcia Hirota, diretora de projetos da ONG e coordenadora do levantamento que mapeou a destruição. "Basta sobrevoar o interior do Estado para ver que até áreas de encosta, os terrenos mais íngremes, aonde nem o gado consegue chegar, estão sendo devastadas para virar pasto", diz João Paulo Capobianco, diretor do Instituto Sócio-Ambiental, outra ONG que participou do levantamento, fei-



DILNAR CAVALHER/STRANA

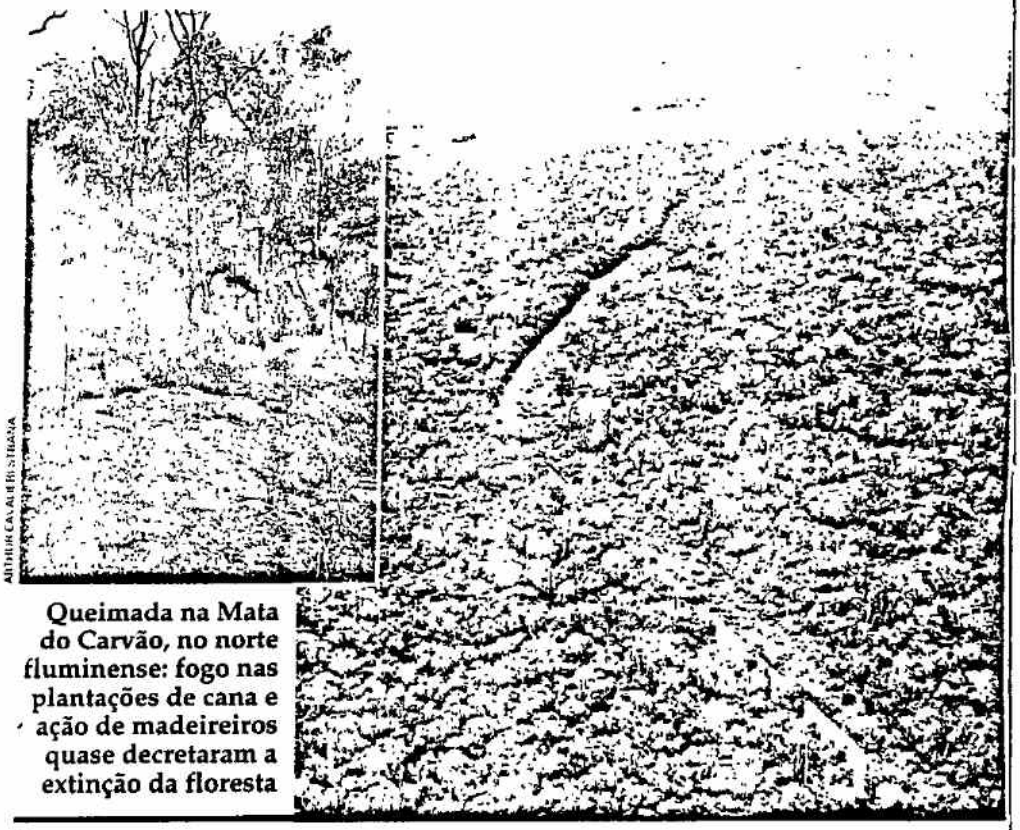
Cotocos de árvores em Parati-Mirim: área de roçado aberta pelo fogo

Acervo ISA

MARCELO TRINDADE

to a partir de imagens de satélite captadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Inpe. Vista do alto, a devastação da Mata Atlântica realmente impressiona, mas é preciso meter o pé floresta adentro para entender o que está acontecendo.

No meio da mata, é difícil encontrar quem não a explore. Caçadores, fazendeiros, palmiteiros, índios, sem-terra, pequenos agricultores, madeireiros, cada um dá sua danosa contribuição, arrancando fatias da floresta. Em Parati-Mirim, distrito de Parati, no coração da Serra da Bocaina, maior pedaço de Mata Atlântica que ainda resta no Estado, a terra é desmatada e queimada pelos índios guaranis assentados em uma reserva da Funai. "Isso aqui já foi roçado há muito tempo", limita-se a dizer Poti, ou Pedro Oliveira, 63 anos, um dos líderes da reserva, que tem 120 índios. Poti só não se lembra de esconder as marcas de machado na base das árvores, prova de que o corte foi recente. "Não dá nem para se impressionar com isso. Eles não são os únicos", diz resignado o agente florestal João Fernandes de Oliveira. Funcionário do Instituto Estadual de Florestas, IEF, João Fernandes administra sozinho a reserva ecológica da Joatinga, próxima à área dos guaranis. Sua indiferença esconde uma disposição em defesa da mata rara de encontrar. Munido apenas de um colete preto com as iniciais do instituto pintadas em amarelo, ele tenta botar ordem na terra de ninguém. "Além de não ter ajuda, é um trabalho perigoso. Os palmiteiros andam sempre armados", diz João, referindo-se aos agricultores que vivem da extração da juçara, espécie de palmito em extinção na Mata Atlântica.



ARTHUR CAVALCANTI SILVEIRA

Queimada na Mata do Carvão, no norte fluminense: fogo nas plantações de cana e ação de madeireiros quase decretaram a extinção da floresta

Na Região Serrana, até os sem-terra avançam sem pena sobre a mata. Em Trajano de Moraes, próximo a Friburgo, a devastação acontece em plena área de assentamento do Incra, onde 46 famílias plantam hortaliças e legumes. "O Incra dá as terras, mas os agricultores só sabem fazer queimada para depois plantar", reclama Válter da Silva Coe-

NEM TUDO ESTÁ PERDIDO

O cenário da Mata Atlântica no Rio pode ser devastador, mas há quem consiga ver além da nuvem de queimadas e ainda produzir boas notícias. Uma legião de biólogos, químicos e ambientalistas vem estudando a floresta e contribuindo para ações de replantio de mudas nativas. A cada projeto de pesquisa, lança-se mais luz sobre a Mata Atlântica. "No decorrer dos anos, os cientistas já descobriram 90 000 espécies até então desconhecidas, e estima-se que existam pelo menos outras 10 000 a ser reveladas", contabiliza Solange de Vasconcelos Albuquerque Pessoa, uma das coordenadoras do Programa Mata Atlântica. Instalado há uma década em um prédio dentro do Jardim Botânico, o projeto é o mais bem-sucedido inventário da riqueza da floresta. Já deu origem a quatro livros — três sobre a Reserva Ecológica de Macaé de Cima, primeira a ser estudada pelos pesquisadores do programa, e um sobre madeiras da Mata Atlântica —, além de uma dúzia de teses de mestrado e doutorado.

Atualmente, a equipe conta com trinta pesquisadores. É uma turma que pega pesado em um trabalho que depende de paciência e alguma sorte. Na Reserva de Poço das Antas, onde foram catalogadas 600 espécies, a área reservada para o levantamento foi destruída por uma queimada. Outro trecho de acesso à reserva, usado para experiências de replantio de mudas nativas, foi "atropelado" por um carro desgovernado. "Perdemos o trabalho de um ano inteiro", lembra Marli Pires Morin, coordenadora de pesquisas do Jardim Botânico. Nada disso, porém, tira a alegria da descoberta de um novo tipo de bromélia ou da belíssima fúcsia régia, a popular brinco-de-princesa. Só em Macaé de Cima, onde a equipe permaneceu de 1988 a 1990, foram coletadas 1 103 espécies. Dessas, 29 eram desconhecidas pela ciência. Pelo menos 8% das espécies da reserva não são encontradas em nenhum outro ponto do planeta.

Outro trabalho silencioso e eficiente é o de refloresta-